



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **RELATÓRIO SOBRE AS RUÍNAS ROMANAS DESCOBERTAS JUNTO DA POVOAÇÃO DE CASTRO DE AVELÃS, NO MÊS DE FEVEREIRO DE 1887.**

PINHEIRO, José Henriques

Ano: 1888 | Número: 5

---

### **Como citar este documento:**

PINHEIRO, José Henriques, Relatório sobre as ruínas romanas descobertas junto da povoação de Castro de Avelãs, no mês de Fevereiro de 1887. *Revista de Guimarães*, 5 (2) Abr.-Jun. 1888, p. 71-96.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## RELATORIO

sobre as ruínas romanas descobertas junto da povoação  
de Castro d'Avellãs no mez de fevereiro de 1887  
e sobre o reconhecimento que nas referidas ruínas fez José Henriques  
Pinheiro por conta da Sociedade Martins Sarmento

---

### I

Está situada a povoação de Castro d'Avellãs a quatro kilometros ao poente de Bragança, n'um formosissimo valle, á beira da ribeira de Grandaes. Tem actualmente vinte e seis fogos, que se emprazaram em terrenos que pertenceram ao extincto mosteiro de S. Salvador. Este mosteiro era de monges beneditinos e foi fundado, segundo dizem, por S. Fructuoso no anno de 667. Pertenciam-lhe terras e coutos em que entrava Bragança, ou antes Bemquerença, e que depois foram permutadas com el-rei D. Sancho I. Na herdade de Bemquerença mandou aquelle monarcha edificar a villa do mesmo nome, sendo só mais tarde que appareceu o de Bragança. O D. Abbade tinha poderes prelaticios, e a sua jurisdicção estendia-se á villa e a todas as suas dependencias, nomeando e dando investidura aos magistrados publicos.

Foi tambem famoso aquelle mosteiro pela hospedagem que n'elle fez D. Alam á filha do rei d'Armenia, que ia em romaria a S. Thiago, a qual raptou, e d'elle procedem illustres familias, a crêmos em Francisco Ribeiro de Sampaio na sua Memoria sobre os monumentos lapidares de Castro d'Avellãs. Foi extincto por D. João III e com suas pinguissimas rendas foi fundada por este monarcha a Sé de Miranda no anno de 1545.

A antiguidade do mosteiro attestam-na as ruínas que alli existem. A igreja era de tres naves; os tres arcos ainda de pé são de architectura romanica; toda a fabrica é de tijolos e ar-

gamassa grosseira em camadas alternadas. O arco da nave central, com um pequeno corpo d'igreja de construção moderna, formam a igreja actual; o arco do lado do Evangelho com outro appendice formam a sacristia, casa de arrecadação e baptisterio; o do lado da Epistola está destacado da igreja, ainda completo, posto que bastante arruinado. A casa de residencia do parochio foi edificada sobre parte das ruinas do mosteiro, porque alli se vêem ainda restos de paredes da mesma fabrica dos arcos e algumas portas em arco romano. As paredes do adro assentam tambem em restos das paredes lateraes do corpo da igreja antiga.

Encarregado pelo snr. dr. Martins Sarmiento, em janeiro de 1887, de indagar se no adro da igreja de Castro d'Avellãs existiam duas aras devotadas ao deus Aerno, fui áquelle local e não encontrei nenhuma das referidas aras. Encontrei no cemiterio, quasi de todo enterrada, uma bonita lapide funeraria de bello marmore branco com a seguinte inscripção:

palma      palma  
                  palma      palma  
                  D      M  
                  PROCVLEIO  
                  GRACILI  
                  ANNORVM LV  
                  STTL (\*)

Encontrei tambem dentro da igreja, meio mettido na parede, o tumulo do conde d'Ariães ou de Aries Anes. Em Castro d'Avellãs ha uma ponte com o nome de ponte d'Ariães; junto á povoação umas propriedades chamadas — terras do conde — e ao sul da povoação, a distancia de um kilometro, umas propriedades denominadas — o condado —. O tumulo tem a data de 1300 (éra).

Sobre as humberas da entrada do adro da igreja existem duas pantheras (?) de um metro de comprimento, talhadas em granito, que, apesar de grosseiramente esculpidas, têm uma expressão de ferocidade bem caracterizada. Serão de época mais antiga?

Voltei para Bragança, e dei conta ao snr. Martins Sarmiento do que tinha encontrado em Castro d'Avellãs. Respondeu-me o seguinte: — logo que na inscripção não appareça o nome Aerno bem claro, ou de qualquer deus lusitano (não romano) in-

---

(\*) O AN da quarta linha ligados.

cluindo algum deus Lar, evaporou-se o desejo de qualquer conquista.

Todavia, estas interessantes coisas têm seus feitiços: a importância do mosteiro, as suas ruínas de aspecto tão antigo, as aras que allí existiram, a lapide romana, o tumulo do conde d'Ariães, embora do seculo xiv, as pantheras de granito, a lenda do tumulo de Caio Sempronio encontrado em 1591 a quatro kilometros a NO. de Castro d'Avellãs, em Castrellos, com nove mil moedas d'ouro do tempo d'Antonino, o nome e beleza do local; tudo isto me affluu ao espirito, e resolvi lêr o que podesse encontrar em Bragança a respeito de Castro d'Avellãs, e voltar lá depois.

Foi a Memoria sobre as ruínas do mosteiro de Castro d'Avellãs de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, publicada no quinto volume das Memorias da Academia Real das Sciencias em 1783, que me serviu de guia, e que por isso passo a extractar:

«..... Qual não foi o meu espanto, quando ao lado da Epistola vi um marmore de quatro palmos de altura e dois e meio em quadro, no alto do qual havia uma abertura, ou buraco de meio palmo de comprimento e quatro dedos de largura; e á roda d'este buraco uma rasgadura, que mostrava que era para allí encaixar uma peça. Tudo isto indica que aquelle marmore era uma ara e que aquelle buraco era onde se introduzia a peça de metal em que se accendia o fogo para o sacrificio..... A inscripção é concebida na fórma seguinte:

DEO  
AERNO  
ORDO  
ZOELARVM  
EXVOTO

«..... Não podemos duvidar que seja uma dedicatória d'aquella ara a Deus Æterno. Pois que Aerno não póde deixar de ser uma abreviatura de Æterno..... Na parede de uma casa de Castro d'Avellãs se acha outra pedra que tem palmo e meio de altura e um de largura: mostra ser remate de pedra maior e tem á roda alguns lavores e uma inscripção mutilada, na qual se deixa unicamente perceber o seguinte:

DEO AR  
NO.M  
ACIDI

« O dono da casa, em cuja parede se vê esta inscripção, me informou que elle a achára em uma parede velha do mosteiro, e que fazendo a sua casa de novo, a transportára para a dita parede para a conservar, e que tambem constava que se tinha achado outra igual em uma antiga igreja que fica em um outeiro junto áquelle logar. »

Acrescenta ainda Ribeiro de Sampaio que fallando com um erudito sobre este assumpto, elle discorrera assim — Ordo quer dizer Curia, Senado, Republica, etc. Du Cange. — *Zœlarum* é nome nacional de que se lembram os AA. da *Geographia* antiga na divisão das Hespanhas. O abbade Baudrant diz no seu *Lexicon geographico* — *Zœlæ populi Hispaniæ Terraconensis in ora Arturum quorum Urbs Zoela.*

« O abbade Langlet, tratando da *geographia* antiga na primeira divisão da Hespanha em ulterior e citerior, subdivide esta, que tambem se chama Terraconense, em vinte e oito povos ou nações, das quaes a segunda era a dos Astures, que subdivide novamente em Astures Transmontanos, que são os Astures de Oviedo, e Astures Augustanos, cuja cidade principal era Astorga, e a esta região pertencia Bragança com o nome de *Brigæcium Brigæciorum*, onde os *geographos* suppõem os povos *Zoelae*: e mal se poderia duvidar que estes *Zoelae* fossem os habitadores de Castro d'Avellãs, á vista da inscripção que alli apparece..... e talvez ainda se descubra que Castro d'Avellãs foi a cidade *Zoelae*. »

« Supposto a verosimilidade d'aquellas conjecturas, devemos discorrer que, sendo aquelle monumento romano, isto é, latino, foi feito por povos de dominação romana, ou fossem de municipios ou de colonias, que fundando-se o mosteiro de S. Salvador de Castro d'Avellãs, onde aquelle monumento se achava no anno de 667, tempo em que aquelles territorios eram occupados pelos godos, seria n'aquelle sitio achado o monumento e conservado pelos monges como uma antiguidade, e para maior recato posto na igreja, como vemos praticado em Braga e n'outras partes d'este reino. »

✱ Viterbo transcreve tambem a inscripção da ara da *ORDO ZOELARVM*; tenta porém alterar a palavra *AERNO*, dizendo que deve ser *AVERNO*, deus dos infernos; d'ondé conclue que os povos *zœlas* prestariam culto a Plutão, e acrescenta: « Ora não é de crêr que esta pedra fosse adduzida de muitas leguas de distancia para este sitio: portanto devemos presumir que os *zœlas* de quem aqui se faz menção habitaram não longe d'este logar. E sendo certo que na primitiva lingua dos hespanhoes

sempre Briga significou cidade, fica natural se dissesse Zelo-briga ou *Celiobriga*, esta cidade ou notavel povoação dos *Zoelas*; e que esta nos offereça ainda alguns vestigios não longe de Sabor.»

Diz tambem na nota : «É logo bem de presumir, que no *Sítio* ou *Aro* de Bragança existiu alguma cidade, na qual a Ordem dos Negociantes ou Artistas dos Zoelas, dedicaram aquella Memoria a Plutão.»

O medico Antonio Pires da Silva, que era natural de Bragança, na sua obra intitulada *Chronographia Medicinal das Caldas d'Alafões* diz que na igreja de Castro d'Avellãs existe uma ara consagrada a Deus Eterno.

Voltei, pois, a Castro d'Avellãs em melhores condições de servir o meu amigo, o snr. Martins Sarmiento, tomando como principal guia a Memoria de Ribeiro de Sampaio, e disposto a examinar interior e exteriormente todas as casas de Castro d'Avellãs, se necessario fosse.

Soube, depois de minuciosas indagações, que a ara da Ordo Zoelarum fôra extorquida á parochia de Castro d'Avellãs pelos irmãos Assis em 1846, quando um d'elles era administrador do concelho de Bragança, e que d'ella mandaram fazer uma urna para collocar sobre um mausoléu da familia, que existe no cemiterio de Bragança, e que hoje pertence á familia de José Castro Ledesma, filho de um dos irmãos Assis.

Fiz algumas averiguações infructiferas afim de descobrir a outra ara; e finalmente disse-me um individuo da localidade que n'uma casa á entrada da povoação havia uma pedra branca mettida na parede. Pedi-lhe immediatamente que me conduzisse a essa casa. Lá estava o monumento, o mesmo de que falla Ribeiro de Sampaio, mettido na parede de uma casinha de uma só janella : li da rua, á distancia de cinco ou seis metros, a inscripção seguinte :

palma      palma  
palma      palma  
DEO AER  
NO. M  
. ACI DI

O monumento está partido pelo meio das letras da terceira linha, e antes do A cabia ainda outra letra, pelo menos. Passados oito ou dez dias adquiri-o pela quantia de 1\$800 reis (A).

Apesar de ser um pouco tarde, não voltei para Bragança sem perguntar aos individuos que me tinham acompanhado

n'aquellas averiguações se Castro d'Avellãs era povoação muito antiga, e pedi-lhes que me contassem tudo o que a este respeito soubessem. Disseram-me que tivera antigamente sómente nove casas, e que os moradores d'estas vieram de um outeiro situado ao poente da povoação. As casas de Castro d'Avellãs estão todas alinhadas á beira de um caminho que conduz ás aguas thermaes, que estão a seiscentos ou oitocentos metros a NO. da povoação. A cavalleiro das primeiras casas que se encontram, indo de Bragança, existe um outeiro quasi inacessivel do nascente; está quasi todo coberto de carvalhos e entregue á cultura de cereaes em parte da rampa do sul e do norte; este outeiro é denominado — a Torre Velha —; termina ao poente por um outeirinho que é a parta mais elevada e o extremo do outeiro da Torre Velha. A estes terrenos, seguindo sempre para o poente, succedem-se outros denominados — terras de S. Sebastião — ou simplesmente — S. Sebastião —; pertencem ao termo da freguezia de Gostei, que dista de Castro d'Avellãs cêrca de dois kilometros.

Os homens que me disseram que a povoação de Castro d'Avellãs fôra formada por nove casas, conduziram-me, a meu pedido, ao outeiro da Torre Velha. A meia encosta do outeiro principiei a vêr fragmentos de telha de rebordo; chegando ao cume, vi com abundancia fragmentos d'aquella telha e de discos de granito, que não eram senão peças de moinhos de mão, pedaços de ceramica grosseira e vermelha de importação. Tinha subido o outeiro da Torre Velha com bem fundadas esperanças de ahi encontrar vestigios de ruinas; não me enganei, pois eram tão abundantes que não duvidei de que a Torre Velha fôra a séde d'um antigo povo.

Era muito tarde e não tinha tempo de verificar a extensão das ruinas; porque o dia ia desaparecer. Apanhei alguns d'aquelles cacos e um pedaço de marmore branco, igual na côr e textura ao da lapide funeraria que tinha visto no cemiterio de Castro d'Avellãs e ao do monumento do deus Aerno. No dia seguinte fui ao cemiterio de Bragança, e lá vi sobre o mausoléu da familia José Castro Ledesma, uma urna torta, e parece que desbastada á grossa, feita de marmore igual em textura ao do fragmento que trouxe da Torre Velha. Esta variedade de calcareo é granuloso, branco, de grãos não muito finos, crystallinos e pouco adherentes: não faltam nas ruinas fragmentos de marmore d'esta textura e côr. É provavel que haja pedreira nos terrenos das ruinas; porque encontrei alguns pedaços d'esta variedade com ganga e como que

cuspidos da rocha. Entre Bragança e Castro d'Avellãs abunda a serpentina e o calcareo grosseiro debaixo de terrenos de transporte ou de marga. O marmore do monumento ao deus Aerno é tambem granuloso, pouco puro, manchado de argilla.

Voltei ás ruínas, e verifiquei que se estendiam pelas terras de S. Sebastião. Quasi no meio d'estas terras ha uma pequena collina, separada do outeiro da Torre Velha por uma bem accentuada depressão de terreno, onde apparece tambem alguma telha de rebordo, grande quantidade de fragmentos de telha commum e muita pedra de mistura com a terra; na parte mais elevada da collina havia como uma mancha de calça. Suspeitei desde logo que alli existiriam as ruínas da igreja de S. Sebastião. Observei que nos sulcos que as aguas das chuvas têm cavado no declive da collina está descoberta a pedra dos entulhos; o cascalho e os fragmentos de telha foram arrastados para o valle. Ha vestigios de ruínas na extensão de quatrocentos metros aproximadamente, na direcção LO., a contar da base do outeiro da Torre Velha, isto é, da povoação de Castro d'Avellãs.

## II

Informei o snr. Martins Sarmiento ácerca do achado da ara e da descoberta das ruínas; enviei-lhe os desenhos de dois objectos de bronze que eu tinha adquirido; um é uma fibula semelhante á que o snr. Martins Sarmiento encontrou em Sabroso, e que tem o n.º 97 na obra do snr. Cartailhac — *Ages Prehistoriques de l'Espagne et du Portugal*. A fibula foi encontrada poucos dias antes na Torre Velha, no sitio onde principiei as escavações, o outro objecto tinha sido encontrado perto do mesmo sitio, poucos mezes antes, pelo dono da propriedade: parece ter sido tambem uma fibula. N'este mesmo local encontrei á superficie do terreno muitos fragmentos de ceramica de importação.

Escolhi este local para fazer algumas pesquisas, marcando uma faixa de terreno á beira de uma seára de centeio e d'uma mata de carvalhos na meia encosta SE. do outeiro. Poucos dias depois recebi uma carta do snr. Martins Sarmiento, auctorisando-me a fazer escavações nas ruínas por conta da SOCIEDADE



MARTINS SARMENTO, e pedindo-me que lhe cedesse os dois objectos de bronze que já mencionei.

Ao quarto dia de trabalho, com quatro homens, reconheci que estávamos trabalhando dentro de uma casa, pois que tínhamos na nossa frente duas paredes convergentes construídas de pedra secca, e cujo ponto de concurrencia estava muito proximo de nós. Emquanto não encontrei as paredes fiz a exploração com pouco cuidado: encontrei muita pedra, e tanta que me parece que destruí a parede da frente sem dar por isso: pareceu-me que eram entulhos, e tinha pressa de encontrar uma parede. Calcúlo que explorei sómente metade do interior da casa, levando a escavação rente com a rocha que estava coberta de lousas presas á rocha branda por pregos de ferro. Puz assim á vista a parede posterior N., encostada á rocha e que mede nove metros de comprimento sobre metro e meio de altura; a lateral a O., que tem sete metros de comprimento e outra média perpendicular á lateral a O. e distante da posterior quatro metros. A lateral a E. era muito baixa, porque d'este lado a rocha está quasi á superficie do terreno. No extremo O. do compartimento appareceram alguns ossos humanos em estado de decomposição muito avançada; talvez fossem de dois cadaveres; porque estavam separados em duas porções aos dois cantos do compartimento. Se os dois cadaveres foram alli enterrados, as sepulturas estariam orientadas na direcção OE., porque a parede a O. estava argamassada e pintada de vermelho. No extremo E. do compartimento havia restos de carvão de carvalho, algum muito bem conservado, e alguns fragmentos de louça grosseira.

Os objectos de incontestavel interesse encontrados n'esta casa são: o remate de uma lapide romana contendo duas linhas da inscripção onde se lêem distinctamente as letras seguintes:

.... ECI.  
CORNELI.

o remate de outra lapide contendo sómente a roseta symbolica, dois pedaços de columnas, um contendo a base e parte do fuste, outro o capitel com parte do fuste, uma peça de bronze que seria a aza de um vaso do mesmo metal, a extremidade de um chifre de touro, que continha um objecto de bronze, semelhante a um alfinete com a cabeça achatada e furada. Appareceu tambem um bloco de marmore branco muito puro e da mesma granulação da dos cippos, e alguns fragmentos de

louça d'importação. Não continuei com as escavações n'este sitio, porque a E. e N. a rocha está quasi á flôr da terra, e a O. havia uma sementeira de centeio (B).

Mandei abrir vallas na pequena esplanada do cume do outeiro. O terreno tem n'este sitio apenas cinco ou seis decímetros de profundidade: encontrei ahi restos de paredes, entulhos e ceramica grosseira com abundancia.

Disse que o outeiro, denominado vagamente Torre Velha, termina ao poente pelo outeirinho. No lado O. principiam os terrenos denominados S. Sebastião; n'esta direcção, e junto á base do outeirinho, que para este lado tem a rocha á vista, vi, quando fiz o reconhecimento da extensão das ruinas, muita telha de rebordo, tijolos e fragmentos de argamassa.

Teria principiado as escavações n'aquelle sitio, se não tivesse tido difficuldade em tratar com o dono do terreno quanto lhe devia dar de indemnisação, pois que estava semeado de centeio. Effectuado o contracto verbal, chamei para alli quatro homens, que em poucos minutos de trabalho puzeram a descoberto dois ou tres metros quadrados de um pavimento construido de argamassa grosseira, e tão consistente e liso, que julguei primeiro que era construido de granito. Reconheci desde logo que estavamos trabalhando no angulo do pavimento, pois que do lado E. topámos com um muro construido de pedra e cal, encostado ao outeirinho, e do lado N. resto de parede ao nivel do pavimento e formando angulo recto com o muro.

No dia seguinte verifiquei que o piso coberto de argamassa continha seis plintos de granito, dispostos em duas linhas, ambas na direcção NS., distanciados uns dos outros pelo intervalo de tres metros e meio, approximadamente. São formados de pedras de granito; as pedras que rematam cada plinto são inteiras, rectangulares, e as arestas horisontaes medem sessenta e oito centímetros cada uma. A superficie superior e horisontal d'estas pedras está a oito centímetros acima do nivel do piso de argamassa. A primeira pedra de cada plinto assenta sobre outra maior, a terceira, quarta e quinta camadas são formadas, cada uma, de duas pedras que vão successivamente aumentando de tamanho até ás que assentam sobre a rocha.

O piso de argamassa mede de N. a S. quatorze metros, e nove metros de E. a O. Do lado do nascente está bem determinado, porque ha ahi restos de parede encostada ao córte feito na rampa O. do outeirinho; ao norte ha vestigios de parede, mas debaixo d'esta parede appareceram mais dois plintos

em novembro proximo passado, que o proprietario do terreno pôz a descoberto, quando andava tirando duas pedras do primeiro plinto do norte para as vender. Ao poente encontrei parte do pavimento destruido, e tendo feito algumas pesquisas para procurar terceiro alinhamento de plintos, não o encontrei: estas pesquisas foram feitas sómente até à profundidade de um metro.

Mandei abrir uma valla ao sul, perpendicularmente ao pavimento e proximo do outeirinho, afim de conhecer se alli haveria algum fosso, porque é este o ponto menos defensavel da Torre Velha, e para conhecer a que profundidade assentavam as ultimas pedras dos plintos: encontrei rocha á profundidade de quatro metros, e vi tambem que a rocha do outeirinho tinha sido cortada quasi a prumo. Este córte pôz tambem a descoberto uma parede de um metro e vinte de espesura, construida de pedra secca e muito arruinada, e grande quantidade de entulhos quasi todos de pedra solta. Apareceram ali varios objectos de ceramica, alguns dos quaes poderiam ter sido objectos d'adorno, e uma pequena moeda de bronze illegivel. As ruinas que acabei de descrever são innegavelmente restos de um muito antigo monumento, e é bem possivel que alli fizesse milagres o deus Aerno. Occupam a E. parte da rampa do outeirinho, que foi cortado a meia encosta (C).

O outeirinho é um cone de dezoito metros de diametro de norte a sul. A parte a léste e norte estava coberta de carvalhos, a oeste e sul é rocha; no vertice tem como uma corôa de carvalhos em torno de um buraco de pouco mais de um metro de diametro, e um metro e vinte de profundidade. Nunca tinha visto uma mamôa; todavia escrevi ao snr. Martins Sarmiento e descrevi-lhe o mysterioso outeirinho. Respondeu-me que poderia ser uma mamôa, e que sendo assim, o buraco do vertice indicava que já teria sido revolvida talvez por sonhadores de thesouros, acrescentando que mandasse fazer a E. um córte perpendicularmente ao diametro OE., para procurar a galeria.

Mandei fazer um córte no sentido indicado, e encontrei uma paredinha em fórma de ferradura, feita de pedra secca e miúda com a parte mais saliente da curvatura para E. e os dois ramos na direcção O.; um dos ramos estava coberto de pequenas ardosias muito delgadas, seguindo quasi na direcção do vertice do outeirinho, que me conduziu a uma cova redonda de metro e meio de diametro, que estava cheia de pedras miúdas, e que mandei despejar até encontrar rocha. O outro

ramo conduziu-me a uma casinha quadrada construida de pedra secca, e que mede tres metros por lado.

Mandei alargar e profundar mais o córte perpendicular ao diametro EO., e encontrei n'um pequeno espaço alguns ossos humanos e de cavallo em estado de decomposição muito adiantada, um instrumento de ferro profundamente oxydado, foi talvez uma fouce; tem trinta e tres centimetros de comprimento, incluindo o cabo, onde existem dois botões de ferro, que o prendiam á madeira. Apareceu tambem uma peça pequena de schisto com uma inscripção, que consta de duas linhas: a primeira é illegivel; no fim da segunda lêem-se distinctamente as letras seguintes ... N IX. Acima da inscripção ha um rebaixe limitado por duas linhas que se curvam formando ogiva, e na base da ogiva dois ornatos em relevo figurando ameias.

Se o outeirinho foi um monumento funerario, passou por diferentes transformações. Os trabalhos effectuados n'este local das ruinas foram insufficientes para o demonstrar; faltou-me tempo, ou antes, faltaram-me meios pecuniarios para continuar as escavações n'este sitio. A rocha está á vista do lado do sul e poente, e o outeirinho seria formado do lado do nascente e norte por terra transportada para alli. Mandei entrar um homem com uma alavanca no buraco do vertice; a alavanca entrou com tanta facilidade até á profundidade de um metro, que tive de recommendar ao obreiro que tivesse cautela de não a deixar escapar das mãos.

Mandei um obreiro a Gostei affirm de chamar o proprietario do terreno onde eu suppunha que deveriam estar sepultadas as ruinas da igreja de S. Sebastião. No entretanto fui com quatro obreiros para uma terra que estava de pousio, contigua á seara de centeio onde tinha visto vestigios de ruinas. Mandei ahí abrir duas vallas, uma á beira da seara, perto dos vestigios de ruinas, outra a alguns metros mais distante e em sentido obliquo á primeira. Em ambas as vallas appareceram, á profundidade de meio metro, ossos humanos em grande quantidade dispostos em camadas separadas por lages e sem resguardos lateraes; n'uma superficie de vinte e oito metros de comprimento sobre doze de largo mandei abrir vallas em diferentes sentidos; em todas ellas appareceram ossos em maior ou menor abundancia. Encontrei ahí tres sepulturas cavadas em terra dura; em algumas vallas as ossadas chegavam até á profundidade de metro e meio.

Este trabalho foi feito rapidamente e só com o fim de determinar n'este sitio a extensão do cemiterio, que deve conti-

nuar por uma terra que estava então semeada de centeio, e onde não fiz pesquisas.

Encontrei n'aquelle local sómente uma moeda de bronze e um pedaço de estanho em pasta com uns buracos por onde teriam passado pregos.

Tendo obtido licença para fazer pesquisas na seara de centeio, principiei este trabalho no extremo de uma pequena mata de carvalhos, contigua á seara. Pareceu-me vêr entulhos n'este sitio, por isso tratei de verificar se ahi haveria ruinas. N'um córte que ahi mandei fazer, observei tres camadas de terra: a primeira de humus, a segunda de calça e a ultima de terra misturada com fragmentos de telha commum. Segui a valla em sentido opposto á seara, e como os vestigios de calça fossem desaparecendo, mandei trabalhar no outro extremo da valla, na direcção da seara. Em duas ou tres horas de trabalho appareceu uma parede de um metro e trinta de espessura, construida de pedra e cal, e pouco depois appareceu um angulo da parede. Era quasi certo ter descoberto as ruinas da igreja ou capella de S. Sebastião. Tendo determinado o outro angulo, achei que a parede era de cinco metros e meio. Mandei abrir uma valla perpendicularmente ao meio d'aquella parede, que me conduziu aos fundamentos do altar-mór; a mesa do altar tem um metro e oitenta de frente e estava destruida até quasi á base; foi construida de argamassa e schisto bem como os degraus da escada. No piso proximo da escada encontrei duas sepulturas construidas de lousas postas de cutelo e tampadas; ambas continham ossos e terra, que parecia ter sido crivada. Continuando com as escavações dentro da igreja e vendo que as sepulturas se succediam, todas construidas do mesmo modo, passei para o exterior e encetei trabalhos ao correr da parede do lado da Epistola. N'uma tira de terreno de dois metros de largura sobre nove de comprimento encontrei algumas sepulturas com ossos, tampadas com lages e com resguardos lateraes e nos topos; ahi appareceram tambem dois tumulos ou ossuarios de granito em fórma de canôa. Poucos dias antes, tinha eu ido á povoação de Gostei, e ahi vi um tumulo igual, servindo de lavadouro; disseram-me que existia outro como aquelle na povoação da Castanheira: fui vêl-o; é igual aos outros e serve tambem de lavadouro. Disseram-me que tinham vindo de S. Sebastião; mas ninguem me pôde dizer em que tempo tinham sido alli encontrados.

Appareceram tambem no mesmo sitio quatro lapides, uma sem remate e inscripção, que por isso não aproveitei, outra

com remate e parte da inscripção: o remate é uma roseta formada por tres diametros, cujos extremos dividem uma circumferencia em seis partes iguaes; os diametros são em linhas em relevo com uma curvatura em sentido opposto nos respectivos semi-diametros. As outras duas lapides estão inteiras: têm respectivamente as inscripções seguintes:

1. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>
BLOEN	.....O
AE VIRO	CHL.F.A
NI ANN	N XXV
LX (*)	

Estas lapides foram encontradas postas de cutelo, formando as paredes lateraes de uma sepultura e com as inscripções voltadas para dentro.

Fiz tambem algumas pesquisas no adro para o lado do Evangelho e rente á parede da igreja. Encontrei ahí sepulturas construidas do mesmo modo, e um tumulo de granito que foi primitivamente um marco milliario; tem uma longa inscripção muito apagada:

.....	.....
.... PRONI	.....
... V..P.....	D..... M
IOT...DIVI	POS..DIVITRAI
.....	.....
O...H..M	M.....
.....	PA.....
O MAXIMO	CHR.....
O NII..C.	MAX.....
O...X...VI	IMP.....
O...D...VI	

Este tumulo estava tampado e continha cinco craneos e os ossos mais graudos, como femures e tibias, correspondentes a cinco cadaveres de adultos, e mais alguns ossos, que certamente eram de criança de oito a dez annos d'idade; tres dos referidos craneos estavam acamados á cabeceira e dois aos pés.

(\*) O AE da segunda linha e o NI da terceira ligados.

Os esqueletos inteiros que encontrei fóra do adro da igreja de S. Sebastião, isto é, na terra de pousio, estavam dispostos no sentido da inclinação do terreno, SO.-NE. As sepulturas, de que fallei atraz, tinham a mesma orientação. Os ossos estavam muito decompostos. As sepulturas que explorei dentro da igreja e no adro estão todas na direcção OE., com os pés para E., em direcção opposta á da igreja, que tem a frente para O.

Depois da chegada do snr. Borges de Figueiredo a Bragança suspendi as escavações durante uma semana, por causa da neve. Dispendi depois em quatro dias a quantia que me restava das duas verbas que me tinham sido enviadas pela SOCIEDADE MARTINS SARMENTO; e, trabalhando á distancia de seis ou oito metros da porta posterior da igreja de S. Sebastião, encontrei ahí sepulturas construidas como as que appareceram dentro e no adro da igreja. N'uma d'ellas appareceu uma fibula de bronze, completa, e de fórma circular: a parte exterior do aro é em relevo de meia canna; a interna é plana. Appareceu tambem mais um marco milliaro, servindo de tumulo; estava cheio de terra crivada, e não continha ossos; tem a inscripção seguinte:

IMP. CAESAR DIVI F.  
AVG. PONT. MAXIMO.  
XV COS. XIII TRIB. POT.  
XXI. PATER PATRIAE.

Os vestigios das ruinas continuam ainda até a duas fontes a oeste das ruinas da igreja de S. Sebastião. Disseram-me que junto d'aquellas fontes têm apparecido pedras de granito aparelhadas. A SO. das fontes existe uma explanada, parte cultivada e parte coberta de carvalhos; o terreno é ahí muito profundo, e conhece-se que tem sido formado por terra que as chuvas têm transportado das encostas dos cerros visinhos, que estão actualmente cobertos de vinhas ou entregues á cultura de cereaes.

Os trabalhos effectuados nas ruinas não são uma exploração; determinei apenas alguns pontos importantes; do presente relatorio se vê que não foi mais do que um reconhecimento. A insignificante quantia que dispendi nas escavações põe em evidencia que nenhum dos pontos, que determinei, foi devidamente explorado (D).

## III

A sudoeste da extremidade occidental das ruínas, á distancia de um kilometro, está situada a povoação de Gostei na parte mais baixa de um pequeno valle. Subindo este valle, e percorrendo um kilometro encontram-se n'este espaço a Castanheira, Fermil e S. Claudio. A cavalleiro de Fermil existe um outeiro, n'um estribo da Serra de Nogueira, denominado Castro de Fermil, tem sido explorado como pedreira pelas povoações visinhas, e não me consta que ahí haja vestigios de ruínas.

Ao sul de Gostei, no termo da povoação de Nogueira, e a um kilometro d'aquella povoação, ha um imponente outeiro; no cume d'este outeiro existe a ermida da Senhora da Cabeça. Encontrei ahí vestigios de ruínas romanas; alguns fragmentos de telha de rebordo e de louça grosseira, mas em pequena quantidade. Está á vista a rocha em quasi toda a superficie do outeiro e terrenos adjacentes.

A léste de Castro d'Avellãs, caminho de Bragança, ha um outeiro, cuja base O. principia junto áquella povoação, e que tem aproximadamente um kilometro de extensão; é formado por terrenos de transporte, argilla e pedras roladas, e separado de Bragança por uma planicie inculta de dois kilometros. Na explanada, que existe no cume do outeiro, ha vestigios de um fosso e de muro; tem o nome de Monte do Castro.

A povoação de Castrellos está situada a quatro kilometros a noroeste de Castro d'Avellãs, na estrada velha de Bragança a Vinhaes. Da lenda de ter havido alli o tumulo de um general romano, falla Argote (1.º vol., pag. 392), quando diz: « O sepulchro do proconsul Caño Sempronio Tuditano foi achado no anno de 1591 em Bragança, e dizia:

SENPRON. TVDIT.  
NVMORVM. IX. M.

« E ao pé d'esta sepultura se achára uma pia de pedra cheia de moedas de ouro com o nome do imperador Antonino. » No Grande Diccionario Historico de Moreri, na palavra *Bragança*, lê-se tambem o seguinte: « Bragança, fundada por Brigo, iv



rei de Hespanha, em 2063. Ampliou-a Caño Sempronio pretor, cuja sepultura se achou em Castrellos em 1591, na occasião em que andavam abrindo os fundamentos para uma ermida. Continha a referida sepultura moedas em ouro.» Ainda não pude ir a Castrellos, e não me consta que ahi haja ruínas romanas.

Incumbiu-me o sr. Martins Sarmento de averiguar se na ermida da Senhora da Hedra, perto da povoação de Cova de Lua, existiria uma ara consagrada á deusa BANDVE.

Dirigindo-me para aquella povoação, situada á distancia de doze kilometros de Bragança, na direcção NO., informaram-me no caminho, que d'aquella ermida já não existiam senão as ruínas, e em pé sómente um resto da parede da frontaria. Em vista d'isto, dirigi-me primeiramente áquella povoação para colher informações a respeito da ermida, e com o fim de vêr se encontrava algum monumento lapidar na igreja, no adro ou no cemiterio da povoação, e para averiguar tambem se haveria ahi alguma tradição ou legenda ligada ao nome *Cova de Lua*. nenhuns esclarecimentos colhi a este respeito, e não encontrei coisa que mereça mencionar-se; disseram-me sómente que uma imagem, que me mostraram n'um dos altares da igreja da povoação, era a Senhora da Hedra, e que não se sabia em que tempo fôra transportada da ermida para a igreja.

De Cova de Lua indicaram-me as ruínas da ermida n'um monte fronteiro; antes de avistar as ruínas vi uma collina em que se conheciam perfeitamente quatro andares de defeza, cavados em espiral, e avistei em seguida as ruínas da ermida na encosta de um monte, por detraz da collina.

Encontrei ahi muitos fragmentos de telha de rebordo e alguns de ceramica de importação. Entre a collina e as ruínas da ermida ha um plaino de mais de um hectare de extensão e de terra profunda; na extremidade E. d'este plaino ha uma ravina, cavada pelas aguas das chuvas, onde se vêem restos de paredes. Não ha duvida que alli houve edificações, o que é comprovado pelo nome que tem a collina; perguntei a um velho que andava a regar um lameiro junto á base da collina, como esta se chamava; disse-me que era o Lombeiro dos Casarelhos. O Lombeiro dos Casarelhos é todo uma rocha, uma fortaleza *nova em folha*: um dos andares faz parte da estrada que liga as povoações do norte com as do sul da montanha; a população é muito densa n'aquella região do concelho de Bragança, e muito rica, principalmente em pastagens ou prados naturaes.

As ruínas da ermida são insignificantes; tenho porém quasi a certeza que as ruínas do templo hão de apparecer no plaino, entre a collina e as ruínas da ermida. A collina está encaixada na quebrada do monte, que é todo elle uma floresta; a parte superior eleva-se acima do plaino, occultando-o a quem olha da encosta fronteira, do outro lado do valle. A Cova de Lua deveria ser n'este valle, onde existe um lago de quatrocentos metros quadrados de superficie aproximadamente. O lago formou-se n'uma noite ha cerca de trinta annos, e diz-se que tem communicação subterranea com uma caverna ou gruta que existe a uns duzentos metros de distancia, junto dos fornos da cal.

Custou-me a deixar aquelle encantador retiro, onde a deusa Bandue e a Senhora da Hedra existiram, e talvez em boa harmonia, como aconteceria na Torre Velha e em S. Sebastião a respeito do deus Aerno e do Santo Martyr.

Se o governo olhar para estas interessantes coisas, o Lombeiro dos Casarelhos deve ser conservado como um modelo no seu genero; o templo da deusa Bandue, que deve apparecer, deve ser restaurado, bem como a ermida da Senhora da Hedra, que, segundo me disseram, fizera alli muitos milagres. Com algum auxilio do governo e com as offertas dos devotos que alli concorressem em romaria, poderiam conservar-se aquelles monumentos. Da iniciativa local, da camara de Bragança ou da junta geral, nada ha que esperar; e como os Martins Sarmentos são raros, só o governo pôde salvar do esquecimento ou da completa destruição o que por aqui vai apparecendo; pois parece que a maioria dos nossos archeologos têm mais vaidade do que enthusiasmo pela sciencia.

Perto de Cova de Lua existe outro Castro, que ainda não tive occasião de vêr; existe na serra de Soutello.

Voltando para Bragança, conduziram-me ao Castro da Moura ou Torre do Thesouro. Ahi encontrei vestigios de ruínas, mas insignificantes: está situado a meia distancia de Bragança e de Cova de Lua.

Conversando com o snr. Albino Vidal, chefe da estação telegraphica de Bragança, a respeito de Castro d'Avellãs, doze ou quinze dias antes de surgir em Bragança o snr. Borges de Figueiredo, disse-me o snr. Vidal que possuia um bezerrinho (uma vaquinha) que fôra encontrado no Castro de Sacoiás, terra da sua naturalidade, que havia tambem alli telha semelhante á que apparecia nas ruínas de Castro d'Avellãs, e que seu irmão possuia duas lapides que foram tambem encontradas no

mesmo monte onde appareceu a vaquinha. Pedi-lhe que me mostrasse a vaquinha, e, vendo-a, reconheci que era de bronze coberta de *patine*. Tinha na cabeça um furo onde devia aparafusar uma peça, talvez uma meia lua. Na mesma occasião me mostrou a copia da inscripção de uma das lapides em que me tinha fallado: era a do cippo funerario — ARRO-CLOVAL, que o snr. Borges de Figueiredo transcreveu no n.º 6, vol. 1, da sua *Revista Archeologica*, com o n.º 2. Pedi-lhe que me cedesse a vaquinha; pediu-me porém quantia que eu me não atrevi a dar-lhe sem auctorisação do snr. Martins Sarmiento. Passadas algumas semanas, cedeu-m'a pelo preço de 12\$000 reis.

As ruinas de incontestavel valor archeologico, e que por isso convinha desde já explorar, são as de Castro d'Avellãs, Sacoias e as de Cova de Lua.

Resta-me dizer alguma coisa a respeito de Bragança.

Está esta cidade dividida em duas freguezias, a da villa e a da cidade. A cidade comprehende a parte baixa, a villa occupa uma collina facilmente defensavel; podia ter alli existido a antiga Bragança ou *Brigantia*, embora não existisse n'esse sitio povoação alguma no reinado de D. Affonso Henriques; pois que D. Sancho I mandou edificar a actual Bragança n'aquella collina, que era uma herdade chamada Bemquerença e que pertencia aos monges do mosteiro de Castro d'Avellãs. *Brigantia* podia ter sido destruida pelos romanos, pelos godos ou pelos arabes; deviam porém deixar vestigios as suas ruinas.

Fiz pesquisas na collina da villa, e não encontrei vestigios de ruinas; ha edificações sómente do lado occidental da collina; a léste e sul, nas terras lavradas e nas vinhas não encontrei senão fragmentos de ceramica commum; nem a telha de rebordo, que a terra não póde digerir, apparece em ponto algum da collina, nem consta que por alli tenha sido encontrado objecto algum, que faça suspeitar que *Brigantia* ou qualquer outra povoação romana existisse n'aquelle sitio. Nas ruinas que já mencionei, ainda nas mais insignificantes, encontram-se fragmentos de ceramica que caracterisam e mostram a sua antiguidade, e não consta que em Bragança ou em seu termo tenham apparecido objectos que façam suppôr a existencia de povoação romana ou pre-romana; desde a edificação de Bragança deveriam ter apparecido alguns monumentos, e algum d'elles teria sido conservado.

A léste da collina da villa existem mais duas collinas: vi-

sitei-as, percorri-as em todos os sentidos, e não encontrei ahi nenhum vestigio de ruinas.

O snr. Figueiredo diz no citado numero da sua *Revista Archeologica*, pag. 92: «Ora é constante a indicação tradicional de que a cidade era perto do Sabor, ao nordeste da actual povoação. Já Viterbo mencionava vestigios na margem d'aquelle rio, e ter reconhecido alguns indicios.» Parece-me que o snr. Figueiredo não foi feliz com a citação de Viterbo; pois este antiquario diz a este respeito o seguinte: «Não negamos contudo, que junto ás margens do rio Sabor, e não muito longe de Bragança se acham ruinas de povoação antiga (que dizem era a cidade de *Brigancio* no tempo dos romanos, e que alli nasceram os santos martyres João e Paulo), *mas emquanto não temos melhores fundamentos, suspendemos o nosso juizo.* »

Ora, o que é tradicional a respeito da situação da antiga Bragança é o seguinte: «A tradição oral d'estes povos e os restos de antigas ruinas, que em suas cercanias e suburbios abundam, confirmam estas opiniões (a antiguidade e extensão da cidade). Ao passar pelos sitios hoje denominados Campos de S. Francisco, Valle de S. Lazaro, Traginha, Sapato, Alcaide e Valle d'Alvaro, posições todas ao nordeste e ao norte da actual Bragança, os mais velhos dizem que ouviram aos seus maiores que por aquelles campos, hoje fertilissimos de saborosos fructos, nos seculos antigos florescera uma opulenta cidade, cuja origem data dos seculos mais remotos: e em prova d'esta tradição apontam para aquellas soterradas fontes e outros vetustos restos de antigas ruinas, que por aquelles sitios a cada passo se encontram.» (\*)

A cidade actual estende-se pela margem esquerda do rio Fervença que lhe fica ao sul; estenderam-na pois para nordeste e norte onde ha magnificas propriedades, e onde naturalmente haveria, como hoje ha, fontes e casas de campo. Para aquelle lado estão as propriedades que foram côrcas de tres conventos e caminhos publicos com quatro fontes, duas das quaes foram construidas ha poucos annos; e sobretudo, aquelles terrenos são muito abertos, muito baixos e dominados completamente pela collina, onde existe a parte mais antiga da ci-

---

(\*) Opusculo de *Considerações historicas sobre a edificação da cathedral de Bragança*, pelo conego Manoel Antonio Pires.

dade actual, e pelas duas collinas que ficam a léste, onde não ha vestigios de ruinas como já disse.

Por ultimo agradeço á SOCIEDADE MARTINS SARMENTO a confiança que depositou em mim, pondo á minha disposição os meios pecuniarios para fazer escavações nas ruinas.

Penhoradissimo para com o snr. dr. Martins Sarmento pelos sabios conselhos e indicações que me deu antes e depois de principiar as escavações, é justo que eu declare que sem a sua iniciativa não seriam descobertas as ruinas; pois que foi elle que me proporcionou occasião de eu ir a Castro d'Avellãs procurar as aras do deus Aerno.

Ao snr. dr. medico, Zeferino José Pinto, residente em Bragança, agradeço tambem o ter-me franqueado a sua selecta bibliotheca. Foi elle que me indicou a Memoria de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, que me prestou o volume onde vem a referida memoria, e que me disse que a lapide M. Acidi devia existir ainda em Castro d'Avellãs; pois que elle ahí a vira na parede d'uma casa.

Bragança 25 de março de 1888.

JOSÉ HENRIQUES PINHEIRO.

---

## NOTAS

---

### A

Sampaio copiou mal a inscripção; as ultimas letras da primeira linha são AER, e não AR= os tres caracteres estão bem traçados. O remate do monumento tem de altura 0<sup>m</sup>,34; largura 0<sup>m</sup>,276; letras de altura 0<sup>m</sup>,06.

### B

A inscripção d'esta lapide foi transcripta pelo snr. Borges de Figueiredo no n.º 6.º da sua *Revista Archeologica*. Este senhor leu na 1.ª linha MAECIO, interpretação de puro palpite; pois que as letras que estão antes do E não são legiveis, e parece-me que serão tres e não duas; a ultima póde ser um O: a ultima da 2.ª linha offerece tambem duvida.

Quando descobri nas ruínas a primeira casa, onde tinha já apparcido a referida lapide, na carta que n'essa occasião escrevi ao sr. Martins Sarmento disse-lhe: « que estava cavando n'uma casa de Zoela ». Ao sr. Figueiredo disse-lhe isto mesmo no dia em que chegou a Bragança, e n'essa occasião mostrou-me uma cópia do texto do *Corpus Inscriptionum Latinarum* de Hübner, que deixa vêr que perto de Castro d'Avellãs deviam existir as ruínas de Zoela; Sampaio diz também a mesma coisa, e Viterbo que é também da mesma opinião acrescenta, discorrendo sobre a inscripção da ara da ORDO ZOELLARVM, « ora, sendo certo que na primitiva lingua dos hespanhoes sempre Briga significou cidade: fica natural se dissesse Zelo-briga ou Celiobriga, esta cidade ou notavel povoação dos Zeelas ».

A situação de Celiobriga é ainda hoje desconhecida; mas, nos livros da igreja vem Celiobriga como synonymo de *Brigantia*. No citado opusculo do sr. conego Pires, lê-se: « D'esta cidade (de Bragança) foram também naturaes os santos irmãos e gloriosos martyres João e Paulo, cujos nomes estão escriptos no canon da missa. Estes santos martyres gozaram do fôro de cidadãos romanos, e como taes são qualificados na liturgia do breviario romano: porque quando deram o sangue e deram a vida em testemunho da fé catholica, no tempo de Juliano, o apostata, havia annos que faziam serviço na côrte de Roma, no qual tinham entrado no tempo do imperador Constantino. » Ora aquelles martyres vêm no canon da missa como naturaes de Celiobriga.

Ainda hoje os documentos emanados de Roma para os brigantinos dizem: *ad Celiobricences*: no sello dos bispos da diocese de Bragança vê-se *Celiobriga* e não *Brigantia*.

É claro que só o alvião pôde resolver esta questão, por fôrma que não reste a minima duvida de que Zoela fôsse Celiobriga e esta *Brigantia*: offereço, porém, estas considerações aos doutos archeologos, porque não me parece que devam desprezar-se.

O nome de *Brigantium* foi dado ás ruínas que descobri pelo localista do *Primeiro de Janeiro*, que deveria ter suas razões para isso. *Brigantium* ou *Brigantia* é a mesma coisa como o sr. Figueiredo o reconhece. Mas a *Brigantia* d'Orosio e o *Brigantium* de Ptolomeu são a Corunha? E porque a *Brigantia* d'Orosio ficava na Corunha, não podia haver n'outras partes cidades do mesmo nome?

## C

Não sei como hei de qualificar o que disse o sr. Borges de Figueiredo no cit. numero da sua *Revista Archeologica*, a respeito das ruínas romanas descobertas n'este sitio: esforça-se em amesquinhar e baralhar tudo quanto alli viu, illudindo o sr. presidente de ministros, que o honrou com a incumbencia de fazer o respectivo reconhecimento, e pagando-me com desconsiderações insolitas os favores que lhe prestei.

Vou transcrever textualmente o que a este respeito disse no cit. numero da sua *Revista*, afim de quem lêr este relatorio possa fazer o confronto entre o que está patente n'aquelle local das ruínas e a descripção e apreciações que o sr. Figueiredo faz do que alli viu:

«... honrou-me o illustre presidente do conselho de ministros e

ministro do reino com a missão de fazer o reconhecimento das alludidas ruínas. Dei cumprimento á incumbencia, e apresentei em tempo competente o meu relatório, que creio vai ser publicado.

« O local das ruínas é uma pequena collina, que fica para o poente a cavalleiro da pobrissima povoação de Castro d'Avellãs.

« Os principaes vestígios de edificação que alli ha, quasi na extremidade do oiteiro, são quatro plintos de granito que abunda n'aquellas regiões, os quaes se acham alinhados na direcção NS. e apenas á profundidade de um metro approximadamente. Junto do ultimo plinto da parte do sul encontram-se restos da antiga parede seguindo para o poente, formando angulo recto com o alinhamento dos plintos, e no lado opposto, ao norte e tambem junto do ultimo plinto, pareceu-me notar vestígios de parede parallela á outra. Segundo consta foram encontrados alli um capitel e uma base de columna, da ordem toscana. Nem nos plintos, nem nos alludidos restos de columna ha coisa que decida a considerar aquellas reliquias como puramente romanas: pois que tanto podem ter pertencido a um edificio elevado pelo grande povo, como a uma construcção medieval, o que não pôde ser em absoluto prejudicado pelo apparecimento n'aquelle sitio de muitos fragmentos de tijolo e de telha de rebordo. O que é indubitavel é que sobre aquelles quattros plintos assentavam outras tantas columnas. Se a construcção é romana, pôde erêr-se que o edificio foi um *prostylos*, a cujo *pronaos* pertenceram os quattros plintos; se a construcção é medieval, foi necessariamente um pequeno templo ou capella, de cujo alpendre fizeram parte os restos encontrados. O edificio tinha, como com difficuldade pude observar, a sua frontaria voltada ao oriente, o que podia militar a favor da origem romana d'aquelles restos; pois se o templo fosse christão, seria orientado de levante a poente, conforme a lei seguida na idade-média: mas isto é insufficiente para uma affirmativa. »

O local das ruínas não é uma pequena collina; são duas, separadas uma da outra por uma pequena depressão do terreno: n'esta depressão estão os plintos, ao poente da collina da Torre-Velha, onde principia a de S. Sebastião. Talvez que o snr. Figueiredo tomasse as duas collinas por uma só, n'este caso a « pequena » collina mede trezentos metros de base.

Não ha granito n'esta região; e se o snr. Figueiredo consultasse uma carta geologica do nosso paiz, ficaria sabendo que os terrenos graniticos mais proximos de Castro d'Avellãs ficam a quinze kilometros ao norte e ao sul d'esta localidade, na serra de Montezinho e em Santa Comba.

Os plintos são imponentes, e tanto que, quando visitou as ruínas o snr. Francisco de Paula e Oliveira, disse: « não ha duvida que são de um monumento do grande povo ».

Diz tambem que são quattros plintos, alinhados na direcção NS.

São seis em dois alinhamentos, cada um com tres plintos.

Estavam todos á vista, e além d'isto, indiquei-lh'os. O piso de quatorze metros de comprimento sobre nove de largo tambem o não viu o snr. Figueiredo?

O capitel e a base de columna não foram encontrados no sitio onde appareceram os plintos: appareceram nas ruínas da primeira casa que descobri na vertente SE. da Torre Velha. Pertenceram a columna ou columnas de pequenas dimensões: não precisavam de fun-

damentos tão imponentes. No mez de dezembro proximo passado vi n'um campo da veiga de Castro d'Avellãs um pedaço de um fuste que podiar ter pertencido ao mesmo edificio de que fizeram parte aquelles restos de columnas, e na mesma occasião vi, adiante da ultima casa d'aquella povoação, um fuste servindo de humbreira á porta de um curral. A columna a que pertenceu este pedaço de fuste poderia ter assentado sobre um dos oito plintos que appareceram nas ruinas: tem trinta e oito centimetros de diametro.

O snr. Figueiredo chega á conclusão que disparatadamente foi preparando: « se a construcção é medieval foi necessariamente um pequeno templo ou capella de cujo alpendre fizeram parte os restos encontrados. » Temos pois tudo reduzido a um alpendre de um pequeno templo ou capella. Um pequeno templo ou capella com um alpendre de quatorze metros de frente sobre nove de fundo! E que fundamentos devia ter o tal templo ou capella em vista das proporções dos plintos do dito alpendre! Ainda mais. Diz: « o edificio como com difficuldade pude observar tinha a frontaria voltada ao oriente. » Ora, a parte oriental do piso de argamassa, onde existem os plintos, está perfeitamente determinada e limitada por um resto de parede, feita de pedra e cal, e por um córte de um metro de altura, feito a meia rampa do outeirinho; d'este modo o alpendre do snr. Figueiredo não tinha sahida pela frente, pois que estava obstruida pelo outeirinho, situado immediatamente a E. Não comprehendo como teve difficuldade de vêr tudo isto.

Os dois alinhamentos de plintos não estão perfeitamente na direcção NS.: aproximam-se um pouco de SE.-NO. E porque a orientação dos plintos deve determinar a do templo, a frontaria seria para SE. ou para NO.: para NO. o panorama é esplendido, e, torneando o outeiro da Torre Velha por este lado, desce-se facilmente para a veiga, o que não tem logar por qualquer dos outros lados. Do lado O. do templo principia o outeiro ou collina de S. Sebastião.

## D

O primeiro periodo que o snr. Figueiredo escreven no cit. numero da sua *Revista* a respeito das ruinas da collina de S. Sebastião é o seguinte: « Varias ossadas descobertas a alguns metros de distancia d'aquellas ruinas, a cerca de meio metro de profundidade estavam incompletas e nenhuma importancia tinham. » Pois o snr. Figueiredo viu alguma coisa n'aquellas ruinas, a não serem os restos de paredes da igreja, entulhos e duas sepulturas cavadas em terra dura e que eu mandei descobrir para lhe mostrar?

O snr. Figueiredo não viu nem quiz vêr nada, logo que se deram os seguintes factos. Pediu-me que lhe entregasse a exploração, tentando persuadir-me que vinha commissionedo pelo governo para esse fim. Respondi-lhe que, logo que soube ao que elle vinha, telegraphára para a SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, informando-a a este respeito, e que tinha quasi a certeza que ella me não auctorisava a entregar-lhe a exploração; em seguida pediu-me instantemente que lhe cedesse as duas lapides que tinham sido encontradas n'uma sepultura do adro da igreja postas de cutelo, e formando as paredes lateraes da mesma sepultura. Respondi-lhe que me pedia o que não era meu, e que por



esse motivo não podia ceder-lh'as. Aquellas lapides tinham apparecido no dia em que o snr. Figueiredo tinha chegado a Bragança (n'um sabbado). No dia seguinte tencionava elle chamar obreiros para ir fazer ou encetar escavações nas ruinas. Seria para provocar um conflicto?

Disse-lhe que eu tinha obreiros em Castro d'Avellãs, que os poria á sua disposição no dia seguinte, e que eu o acompanharia tambem. Mandou dar algumas cavadellas no outeirinho, e outro tanto fez nas ruinas de S. Sebastião, e dois dias depois os jornaes annunciavam que o snr. Borges de Figueiredo tinha encetado as escavações nas ruinas de Castro d'Avellãs, e que ahí descobrira duas lapides...

Consenti que o snr. Figueiredo copiasse e tirasse os decalques das inscripções dos monumentos, lembrando-me que teria de apresentar á Sociedade de Geographia um relatorio sobre as ruinas. Que fez, porém, o snr. Figueiredo poucos mezes depois? Publicou-as na sua *Revista* sem auctorisação dos seus legitimos donos, sabendo que a SOCIEDADE MARTINS SARMENTO tinha tambem uma *Revista*.

Catou tambem pará a sua *Revista* as inscripções das duas lapides de Sacoias, que o snr. Vidal lhe foi mostrar áquella povoação, a casa de seu irmão; trouxe, porém, sómente as inscripções: as lapides ficaram em poder do seu dono. Alguns jornaes annunciaram tambem que o snr. Borges de Figueiredo tinha descoberto duas lapides em Sacoias: eram as do irmão do snr. Vidal.

Continúa o snr. Figueiredo: « De cobre, appareceram uns *inaures* e insignificantes fragmentos impossiveis de determinar. » Que havia de determinar a este respeito, não tendo apparecido nas ruinas nenhum objecto d'aquelle metal? Posteriormente á sua vinda a Bragança appareceu um objecto de ferro e uma fibula de bronze, e de bronze são tambem todos os objectos de metal, que, muito antes da vinda do snr. Figueiredo, eu tinha remettido para Guimarães, assim como as duas moedas que eu lhe mostrei.

A respeito da ara do deus Aerno, diz: « Este monumento foi tirado pelo citado snr. Pinheiro da parede em que se achava, com destino á SOCIEDADE MARTINS SARMENTO. » Pouco lhe falta para affirmar que furtei o monumento. Comprei-o, como disse atraz, ao seu legitimo dono, e como os outros objectos que descobri nas ruinas, enviei-o á SOCIEDADE MARTINS SARMENTO. E certo é que onde existia estava como perdido, devendo-se ao snr. Martins Sarmiento e a mim o estar agora bem guardado, embora o snr. Figueiredo pareça não ser d'esta opinião: lá sabe o d'emo porque.

No periodo que se segue ao das « Varias ossadas » lê-se o seguinte: « Nas sepulturas não se encontrou objecto algum que podósse ministrar subsidios á ethnographia; n'algumas, alguns pedaços de schisto cobriam as caveiras, mas nas restantes (excepto uma), encontram-se os ossos sem resguardo de qualquer natureza. Na sepultura que exceptuo appareceram duas lapides romanas ladeando parte de um esqueleto... » O que diz a este respeito o snr. Figueiredo é completamente falso. Como disse no meu relatorio, todas as sepulturas que encontrei dentro da igreja e no adro, e algumas á distancia de dez metros da igreja, estavam construidas com lages postas de cutelo e tampadas: disse-lh'o eu, pois, que elle não viu nenhuma, nem essa que elle exceptua. Logo que reconheci que n'este sitio as sepulturas estavam construidas com lages e intactas, ia repondo no mesmo estado as que

depois encontrei. É a E. do adro, á distancia de quatro ou cinco metros da parede da igreja, que principiam a apparecer vallas de um a metro e meio de profundidade com ossos dispostos em camadas separadas por lages e sem resguardos lateraes; em pesquizas que fiz d'este lado, n'uma superficie de vinte e oito metros de comprimento sobre doze de largo, encontrei ossadas sem resguardos, e ahi encontrei tambem quatro sepulturas: mostrei duas ao snr. Figueiredo.

No cemiterio de S. Sebastião ha pois a distinguir a porção que está mais proxima do adro e a que lhe fica a léste; no adro, ou muito proximo d'elle, as sepulturas estão construidas de lages, e os ossos estão ainda bem conservados; na parte que reconheci a léste, os ossos estão n'um estado de decomposição muito avançada; desfazem-se apenas se lhes toca; não pude tirar um craneo inteiro d'estas sepulturas; ignorava então o processo por meio do qual se consegue que se não desfaçam, processo que me ensinou o snr. F. de Paula e Oliveira quando estive nas ruinas.

Não seria absurdo suppôr que é esta a porção mais antiga do cemiterio, a não ser que a differença do estado em que estão os ossos seja devida a estarem uns resguardados e outros não: todavia as sepulturas cavadas em terra dura é circumstancia que merece alguma attenção, e é de esperar que alli appareçam mais.

Emfim o snr. Figueiredo esforça-se em amesquinhar as ruinas, principalmente quando trata do cemiterio, sendo esta a parte que primeiro se deve explorar; pois que pelo que alli appareceu, em tão pouco espaço, é de esperar que se encontrem muitos monumentos dos que existiam dispersos pelas ruinas, e que os habitadores de S. Sebastião empregaram como pedras de construcção quer na construcção da igreja, quer como resguardos das sepulturas; e pôde muito bem ser que existissem tambem alguns monumentos dentro da igreja e ficassem debaixo das ruinas d'ella.

Transcreve o snr. Figueiredo um trecho do relatório que diz ter apresentado ao snr. ministro do reino, onde se lê o seguinte: «Alli (nas ruinas) e estendendo-se talvez para os lados de Gostei (o que futuras explorações poderão resolver) demorou uma população romana ou romanizada, que é conhecida na historia pelo nome de Zoela», e a pag. 89 lê-se tambem que na edificação da igreja de S. Sebastião «... se empregaram como materias cippos ou outras pedras de trabalho romano... e não causa estranheza, porque em plena idade média ao proceder-se a qualquer edificação — habitação, templo, muralha, torre — aproveitavam-se sempre as lapides romanas que em abundancia se encontravam por toda a parte.» Fallando das lapides funerarias deixa vêr que foram todas encontradas nas ruinas da igreja de S. Sebastião e no cemiterio: foram ahi encontradas sómente quatro, uma sem inscripção nem remate e que eu não aproveitei, as duas inteiras e outra que tem remate e parte da primeira linha da inscripção. Tendo sido encontradas todas em S. Sebastião, viriam naturalmente na mesma carrada, da Zoela hypothetica do snr. Figueiredo, que lhe palpita dever ter existido para os lados de Gostei.

Finalmente o snr. Figueiredo chegou a Bragança n'um sabbado; foi commigo ás ruinas no dia seguinte. Soube ahi que se lhe não entregava a exploração. Como eu sabia que a SOCIEDADE MARTINS SARMENTO não tinha meios para tamanha empresa, pois que o snr. Martins Sarmento me tinha dito que podia gastar até á quantia de cin-

coenta mil reis, que era o que a Sociedade votára para explorações, disse isto mesmo ao sr. Figueiredo, acrescentando que eu tinha o maximo empenho em que o governo tomasse conta da exploração, mas que não contribuía directa nem indirectamente para isso, e acrescentei que lhe daria parte quando assim acontecesse. No ultimo dia que estive em minha casa a concluir o trabalho de cópia e decalques dos monumentos, vespera da sua partida para Lisboa, repeti o que lhe tinha dito nas ruínas; respondeu-me: « Não abandone aquillo, e quando a Sociedade largar, escreva-me. »

Passados poucos dias esgotou-se aquella verba, escrevi ao sr. Figueiredo, que não se dignou responder-me.

## CONTA

Datas		Despeza	Quantias
Fevereiro	20	Ara do deus Aerno.....	1\$800
"	"	5 geiras a 290.....	1\$450
"	27	19 ditas ".....	5\$510
Março	6	20 ditas ".....	5\$800
"	13	30 ditas ".....	8\$700
"	11	Por um telegramma.....	4\$0
"	20	24 geiras a 290.....	6\$960
"	"	A um policia (dois dias).....	800
"	"	Carreto de um tumulo de granito.....	500
"	27	5 geiras a 290.....	1\$450
Abril	3	18 ditas ".....	5\$220
"	4	Pelo carreto de um tumulo de granito e gratificação a quatro homens que ajudaram a descarregal-o.....	700
"	"	A um policia.....	400
"	10	Em pesquisas na villa (½ geiras).....	1\$160
"	"	Indemnisação ao dono da terra das ruínas do templo romano.....	2\$000
"	24	A um homem que ajudou a levantar a plan-ta do terreno das ruínas.....	200
Maió	20	Embalagem das lapides e mais objectos....	900
"	"	Transporte para o carro e para o Pinhão...	2\$860
"	"	Ao sr. Albino Vidal (custo da vaquinha).	12\$000
		Total...	58\$760
		Receita	
		Importancia de dois vales.....	58\$000

JOSÉ HENRIQUES PINHEIRO.